

**Raquel e o percurso do herói em *A bolsa amarela***

---

**letrônica**

---

Luciana Éboli<sup>1</sup>

*A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga Nunes, foi escrita no ano de 1976 e se tornou uma das obras mais conhecidas da autora, que escreveu também outras narrativas infanto-juvenis de extrema importância para a literatura brasileira. Com um estilo próprio de contar histórias, onde a ação e os diálogos são fundamentais, a escritora traz à tona aspectos relevantes do desenvolvimento infantil e os coloca sob a perspectiva das próprias personagens, crianças ou jovens, criando forte identificação com os leitores.

A trajetória da menina Raquel em *A bolsa amarela* permeia os fatos de seu desenvolvimento individual partir de uma visão do crescimento interior da personagem, ao contrário da trajetória clássica do herói. Este, com base nos princípios que o define desde a literatura épica da antiguidade, empreende uma jornada a partir da própria ação, da necessidade de sair do lugar. O percurso compreende o encontro de inúmeros obstáculos, de toda ordem - seja de eventos naturais, inimigos, deuses e demais adversidades - o embate, a superação e o posterior retorno ao ponto de origem e a recompensa final. Em *A bolsa amarela* temos o foco dessa jornada interior de Raquel projetado na imensa bolsa que a menina carrega e que materializa de formas variadas os seus conflitos de crescimento.

Na obra de Lygia Bojunga Nunes, vê-se a projeção interior da menina através da sua relação com a bolsa, a partir dos objetos que nela deposita e das personagens que a habitam –

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutoranda em Letras pela PUCRS. Professora do Departamento de Arte Dramática da UFRGS. Bolsista da CAPES.

o galo Afonso, o galo Terrível, ‘a’ Guarda-chuva, o Alfinete de Fralda - que convivem com as três grandes vontades que ela carrega e que por vezes aumentam de tamanho e pesam demais: a vontade de crescer, de ser menino e de ser escritora

Nesse retorno a si, ou à bolsa, ou ainda (numa alusão) ao útero materno, pois é lá – dentro da bolsa! – onde está o espaço seguro e ideal para o amadurecimento rumo a uma nova etapa no percurso de viver, percebe-se que os grandes obstáculos e inimigos de Raquel não estão na rua, na escola ou em casa, mas dentro dela mesma.

A superação individual do herói, nesse caso, é absolutamente íntima, ainda que os eventos externos, principalmente aqueles advindos das relações familiares, sejam o mote para essa busca interior.

É possível, a partir da construção da autora, identificar nessa obra as origens do herói moderno, que surge com força a partir do século XIX. Há, nele, não mais uma ação em prol da coletividade, mas em prol de si mesmo, pois ele é o próprio problema a ser resolvido. Temos então o herói interior, que se projeta no simbolismo de um discurso interno, cujo objetivo maior é provar a si a própria capacidade. No decorrer da narrativa, o psicológico toma forma e importância na caracterização da heroína Raquel, que existe para o leitor a partir de suas idéias e sentimentos e não de ações propriamente ditas. Ela passa a manifestar-se a partir de suas carências internas, que geram necessidades a serem supridas. Essas necessidades, então, movem a menina no sentido de buscar na fantasia estímulos para sua imaginação.

A aventura de Raquel em busca de si mesma inicia quando ela percebe que possui três grandes vontades que não param de aumentar. Tanto a vontade de crescer como a de escrever ou de ser garoto surgem em momentos variados e tomam conta da menina: “Eu tenho que achar um lugar para esconder as minhas vontades” (p.11), ela pensa. E para lidar com essas vontades, principalmente com a vontade de ser escritora, ela inventa André, um amigo imaginário, para quem passa a escrever cartas – aquelas que envia para ele bem como as respostas que recebe -. Iniciam-se, aí, as primeiras reflexões acerca de sua condição familiar, através o fato de seus irmãos já serem adultos e ela ser a única criança da família e de ter nascido numa época em que sua mãe já não tinha condições de ter outro filho. Constata que nascera sobrando, que virara chacota das irmãs e questiona:

Tô sobrando, André. Já nasci sobrando. É ou não é? Um dia perguntei pra elas: “Por que é que a mamãe não tinha mais condição de ter filho?” Elas falaram que a minha mãe trabalhava demais, já tava cansada, e que também a gente não tinha dinheiro pra educar direito três filhos, quanto mais quatro.

Fiquei pensando: mas se ela não queria mais filho por que é que eu nasci? Pensei nisso demais, sabe? E acabei achando que a gente só devia nascer quando a mãe da gente quer ver a gente nascendo. Você não acha, não? (NUNES, 1984, p.13)

A família, a princípio, é uma família normalmente estruturada, com pai e mãe que trabalham, o irmão que faz faculdade, a irmã que tem emprego, a outra que não estuda nem trabalha e, portanto, cuida de Raquel. Porém, os medos e carências da menina existem justamente pelo fato de ela ter uma vivência solitária e morar num apartamento com adultos, que encontra alternadamente. O fato das cartas serem descobertas pelo irmão, que não acredita em suas histórias, faz com que ela desanime e pense em não escrever mais, mas, para fugir da incompreensão dos adultos, ela inventa uma nova amiga, Lorelai, com quem planeja fugir de casa. Novamente descoberta, agora pela irmã, inicia-se um conflito familiar em que todos ficam contra ela: “Desisti de escrever carta. Fiquei uma porção de dias pensando no meu pessoal pra ver se entendia por que é que eles zangavam tanto comigo. Acabei desistindo também: gente grande é uma turma muito difícil de entender.” (p.19-20)

Ela então resolve escrever um romance, pois, assim, ninguém duvidaria de que suas histórias eram realmente inventadas. Cria a história de um galo chamado Rei que não aceitava ser chefe de muitas galinhas, pois queria uma vida em grupo mais democrática, e em função disso decide fugir do galinheiro. Novamente os adultos lêem seus escritos e outra vez ela fica decepcionada:

Era domingo quando eu acabei a história. Me chamaram pro cinema. Saí às carreiras, larguei o romance no quarto. Minha irmã pegou e leu. (Quando eu cheguei em casa ela perguntou: “Como é que você pode pensar tanta besteira, hem, Raquel?”) Achou gozado e deu pra minha mãe ler,  
E a minha mãe deu pro meu pai.  
E meu pai deu pro meu irmão.  
E o meu irmão deu pra minha outra irmã.  
E ela deu pra vizinha.  
E a vizinha deu pro marido, que ainda por cima é síndico.  
Quando eu voltei do cinema encontrei todo mundo rindo da minha história.  
(NUNES, 1984, p.20)

A incompreensão dos familiares é o primeiro grande obstáculo de Raquel em sua jornada interior. A saída, num primeiro momento, parece ser o conformismo e a adequação às adversidades, pois o instinto de autopreservação fala mais alto. Mas ao reprimir suas vontades, principalmente a de escrever, elas acabam se tornando ainda maiores – ou engordando – como ela mesma diz. Urge então encontrar um lugar para guardá-las, para que os ‘grandes’ não vejam como elas aumentam e não riam incompreensivelmente dela: “(...) se tem coisa que eu não quero mais é ver gente grande rindo de mim”. (p.21) Assim, o mundo

dos adultos é um mundo difícil e desconhecido para a menina Raquel, que se sente abandonada e solitária nesse contexto:

Nenhuma mãe, mesmo tão boa, e nenhum parceiro, mesmo tão compreensivo, poderá adentrar realmente nossas particularidades; nenhum auto-exame, mesmo tão intensivo, nos ensinará a entender inteiramente a nós mesmos; nenhuma pessoa poderá nos consolar em nossos grandes medos, humilhações e dores, e ninguém pode dar por nós aqueles passos de amadurecimento, necessário sem nosso caminho desconhecido pela vida em direção à morte. Em toda parte temos de carregar e suportar sozinhos o medo e o risco da vida, mesmo preferindo fechar os olhos diante desses fatos.

As crianças em especial estão expostas a essas vivências universais de abandono e impotência. Elas precisam experimentar a incompreensão e a recusa além da medida normal e absolutamente suportável, seja porque não são desejadas, seja porque apanham e abusa-se delas, ou porque são humilhadas e desprezadas. (MÜLLER, 1987, p.25)

No âmbito familiar da narrativa, a menina não é conscientemente desprezada pelos seus, nem vítima de abuso ou violência física. O sofrimento vem do fato de ser relegada a segundo plano e tratada com menos importância justamente por sua condição infantil. Os universos da infância, da fantasia e do imaginário não são considerados pelos adultos, que vêm nos próprios afazeres e nas dificuldades de sobrevivência prioridades que velam as relações de cumplicidade e afeto.

Um dos grandes auxílios para a resolução de parte de seus conflitos surge justamente a partir da ação dos adultos de dar a ela uma bolsa que ninguém queria. Ao receberem o pacote de roupas usadas da tia 'rica', o que sobra para a menina é justamente o que é considerado feio e inútil: uma enorme bolsa amarela. A partir daí, Raquel encontra um local para guardar e carregar todas as suas coisas importantes. Tudo na bolsa é perfeito para ela, a começar pela cor, pelo formato e pelas divisões internas com bolsos de tamanhos variados e esconderijos ditos incríveis. É a partir de então que ela encontra espaço para exercer sua autonomia e decidir preencher a bolsa sem a intervenção dos adultos. Ao perceber a necessidade de um fecho, decide-se por mandar colocar aquele que era capaz de 'enguiçar' na hora certa:

Era isso mesmo que eu tava querendo: um fecho com vontade de enguiçar. Pedi pro vendedor atender outro freguês enquanto eu pensava um pouco. Virei pro fecho e passei uma cantada nele:

- Escuta aqui fecho, eu quero guardar umas coisas bem guardadas aqui dentro dessa bolsa. Mas você sabe como é que é, não é? Às vezes vão abrindo a bolsa da gente assim sem mais nem menos; se isso acontecer você precisa enguiçar, viu? Você enguiça quando eu pensar "enguiça!", enguiça? (NUNES, 1984, p.29)

Ao retornar para casa, já com a bolsa preparada para iniciar a aventura de guardar nela ‘todas’ as coisas que deveriam ser ocultas, inicia-se nova etapa de transformação da menina. Agora ela esconde bem no fundo, fechada num bolso, a sua vontade de crescer; num outro bolso, mais fundo, a vontade de escrever; num outro, e bem apertada, a vontade de ser garoto, que andava grande àquela altura; tudo isso junto a outros objetos como um alfinete de fralda, algumas fotos do tempo em que sua família morava, feliz, numa casa com quintal, além de alguns desenhos e pensamentos. Agora, com tudo organizado no seu devido lugar, Raquel pode iniciar uma nova trajetória por caminhos ainda não traçados em sua imaginação.

A primeira personagem a aparecer para a menina é o próprio galo Rei, criado por ela anteriormente em seu romance. Ela o encontra quase sufocado dentro da bolsa, e ele sai usando uma máscara preta, pois é um fugitivo do galinheiro. Assim, explica a situação:

- (...) Subi no puleiro e berrei: “Não quero mandar sozinho! Quero um galinheiro com mais galos! Quero as galinhas mandando junto com os galos!”
- Que legal!
- Legal coisa nenhuma: me levaram preso.
- Mas por quê?
- Pra eu aprender a não ser um galo diferente. (NUNES, 1984, p.36)

O Rei projeta a necessidade de autonomia ao exigir mais iniciativa das galinhas que insistiam em pedir permissão, inclusive, para botar ovos, pois não sabiam viver em liberdade e alegavam que pensar dava muito trabalho. “(...) se eu respondia ‘ora, minha filha, o ovo é seu, a vida é sua, resolve como você achar melhor’, elas desatavam a chorar, não queriam mais comer, emagreciam, até morriam.” (p.35). A presença do galo, o primeiro ‘hóspede’ da bolsa amarela é a primeira personificação da força de Raquel e sua companhia imaginária rumo à transformação, à possibilidade de transpor os obstáculos e obter vitórias através do uso da própria força interna, mesmo que para isso tenha que lutar contra adversidades e atos de repressão<sup>2</sup>.

A solidão enfrentada pela protagonista de *A bolsa amarela* fertiliza o imaginário e faz com que ela preencha outros espaços pessoais – ou outros bolsos internos da bolsa – com a projeção de novas personagens: o alfinete de fralda, símbolo da infância, encontrado enferrujado e caído na rua, mas que nutre esperanças e acredita que ainda tem serventia; ‘a’ guarda-chuva, enguiçada de tanto crescer e encolher; o galo de briga de cérebro costurado chamado ‘Terrível’. Todas com imensa necessidade de afeto e lutando pela superação dos próprios medos. A autora faz, aqui, um aprofundamento psicológico de Raquel que contrasta

---

<sup>2</sup> É importante observar o ano em que o texto foi escrito, 1976, e sua relação com o contexto sociopolítico do país, em época ditatorial.

com o que seria considerado o espaço social do herói: a casa, a rua, a escola por onde a menina circula e carrega a sua imensa bolsa, mas que não se caracteriza como obstáculo mais forte do que o ato de carregar as próprias vontades e projeções. Temos, então, a ação exterior, da narrativa, e a ação interior, de autoconhecimento por parte da menina.

Quando o pessoal me viu carregando aquele peso, eles disseram que eu tava maluca: eu não podia ir pro almoço levando uma bolsa enorme, ridícula, de gente grande, e não sei que mais. Aí eu ainda fiquei mais aflita. Comecei a inventar uma porção de coisas. Eu não queria inventar nada; o que eu queria mesmo era poder dizer: “Eu *preciso* levar a bolsa amarela. Eu guardo aqui dentro umas coisas muito importantes. Umas coisas que eu não to podendo nem querendo mostrar pra ninguém.” (NUNES, 1984, p.63)

No decorrer da narrativa, as vontades de Raquel oscilam de tamanho e se alteram em ordem de importância, de acordo com os fatos. Depois que o galo Rei, de seu romance, se personifica, a vontade de escrever se acalma e dá lugar à vontade de crescer. É nesse momento em que toma importância a presença ‘da’ guarda-chuva, que experimenta a possibilidade de diminuir e crescer a partir de seu cabo flexível até que um dia que enguiça e passa a falar uma língua ininteligível. É o próprio galo, agora já com o nome de Afonso, que conta a história ‘da’ guarda-chuva e de como ela tinha decidido ser mulher, ganhando do fabricante um lindo tecido florido e uma correntinha na ponta – tão delicado que fez com que a vontade de ser menino de Raquel diminuísse -, além do cabo versátil. O galo reproduz a cena em que o homem termina de fabricá-la:

- Ah, me deixa ser pequena! Quero ser pequena a vida toda.

O homem se espantou:

- E se mais tarde você cismar de crescer?

- Não sei pra que. Ser pequena é uma curtição.

Mas ele ficou cismado:

- Às vezes a gente quer muito uma coisa e então acha que vai querer a vida toda. Mas aí o tempo passa. E o tempo é o tipo do sujeito que adora mudar tudo. Um dia ele muda você e pronto: você enjoa de ser pequena e vai querer crescer.

- Será?

- É bem capaz.

A Guarda-chuva ficou pensando. Pensou bastante e depois resolveu:

- Então tá bom, me faz pequena. Mas bota dentro de mim o jeito de ser grande.

E o homem então fez a Guarda-chuva do tipo que estica e fica grande se a gente puxa o cabo com força. (NUNES, 1984, p.49)

É a partir do entendimento da história ‘da’ guarda-chuva e seu conflito de tamanhos que Raquel questiona a própria vontade de crescer. No debate entre as duas personagens projetadas por ela, o galo Afonso e a guarda-chuva, há perguntas e respostas que estimulam a reflexão e o questionamento da própria condição. Com a construção da imaginação a partir da

fantasia, a heroína institui a si mesma as provas individuais que estimulam o seu amadurecimento.

Por que é que você não queria ser grande, hein?

O Afonso foi logo respondendo:

- Porque ela adorava brincar, e gente grande tem mania de achar que porque é grande não pode mais brincar. Às vezes ela ficava louca pra experimentar crescer: só pra ver se era mesmo verdade: se quando a gente crescia a vontade de brincar sumia. Mas ela tinha medo de arriscar. Até eu um dia tomou coragem e experimentou. E sabe que ela curtiu demais?

- Claro que tinha que curtir! Quando a gente é grande pode tudo, resolve tudo.

- Nada disso. Ela curtiu porque viu que uma coisa não tinha nada a ver com a outra: ela podia muito bem ser grande, e ela podia muito bem continuar brincando. E aí ela achou que a melhor brincadeira do mundo era toda hora passar de pequena pra grande, de pequena pra grande, de pequena pra grande, de pequena tlá!!! Estalou, enguiçou, não passou pra mais nada. (NUNES, 1984, p. 50)

É curioso perceber que, após o ‘enguiço’, a guarda-chuva tem sua história interrompida e só continuará se ‘desenguiçar’, ou seja, encontrar o ponto estável no seu crescimento, sem grandes oscilações. A estabilidade, nesse caso, faz parte da busca da menina que transita entre as posições de adulto, por ter que assumir e lidar com a realidade de carências não supridas, e de criança, com a necessidade de encontrar um caminho seguro através da abstração e da fantasia. No rumo à adolescência e seus conflitos que se prenunciam, há nessa jornada heróica o tatear incerto e, como tantas vezes, desprovido da orientação devida. A experiência passa a ser o traçado a percorrer, a distância dos adultos é vasta e o terreno cheio de perigos, como afirma Mário Corso:

Para os adolescentes, viver tem sido uma excursão na selva, só que os guias queimam mapas e deixam os jovens quando muito com a bússola. Esperam que os guiados descubram novos caminhos que supõem delirantemente que serão melhores que os velhos traçados. Os jovens não ficam a sós, ficam solitários, o que é diferente, desacompanhados de maiores referências, sem recurso aos mapas, e ainda com a tarefa de carregar junto os amnésicos guias que parecem não querer lembrar-se das pedras em que já tropeçaram. (CORSO, 1999, p. 125)

Raquel ainda não atingiu a adolescência, mas seus conflitos há muito já vão além do universo estritamente infantil. Em função disso, ela mostra-se uma menina com maturidade suficiente para identificar os dilemas pessoais e familiares e buscar coragem para vencer adversidades e medos, mesmo que isso signifique perpassar por estágios comuns ao desenvolvimento da criança: recriar o real a partir de uma situação de conflito inicial, encontrar a solução na fantasia e o desfecho outra vez na presença do real.

A quarta personagem que surge na história e que vai fazer parte do universo da bolsa amarela é o galo de briga, primo de Afonso, chamado de Terrível. Ele desde pequeno fora predestinado a ser um galo de briga e, para tanto, teve o pensamento costurado com linha forte para que só pensasse em brigar e ganhar. Durante muito tempo teve sucesso, foi um grande campeão e enriqueceu seus patrões, mas, quando reaparece para o primo, está na eminência de ser substituído, pois já não ganha as brigas como antes.

- Terrível, vê se entende: eu não te vejo há séculos, tô com saudades tuas, tô louco pra saber o que é que você tem feito...
- Tenho brigado.
- Quero saber tintim por tintim da tua vida.
- Tintimbrigado tintimbrigado.
- Quantas brigas você já brigou?
- Cento e trinta e três.
- Quantas você já ganhou?
- Cento e trinta.
- Quando é que você perdeu?
- Nas três últimas.
- Por que é que você perdeu?
- Perdi a última porque eu perdi a penúltima.
- Por que é que você perdeu a penúltima?
- Porque eu perdi a antepenúltima.
- Mas por que é que você perdeu a antepenúltima?
- Porque apareceu um galo mais novo e mais forte do que eu! Quer parar de fazer pergunta, quer! (NUNES, 1984, p.55)

O galo Terrível tem que brigar novamente para provar que ainda é capaz de ganhar, mas todos sabem que esta poderá ser a sua última competição e que seu adversário é o grande favorito. Ao verem a passagem do galo adversário, o Crista de Ferro, nos ombros de um homem e aos gritos de ‘campeão’, Terrível lamenta que perdeu seu posto, mas ainda assim afirma que precisa lutar e vencer. Eles sabem que é mais provável que ele apanhe e morra, e Afonso pede ajuda a Raquel para escondê-lo por uns tempos na bolsa, até a hora da briga passar. Ela vacila, mas concorda em ajudar e assume que deve também carregar mais aquele peso em sua bolsa, que agora é praticamente arrastada pela menina. Raquel permite-se, a partir daí, o ato heróico de carregar conscientemente e por escolha própria todo aquele peso, ou seja, já sabe das suas capacidades de escolha, e de que pode conseguir ou não arcar com as conseqüências de suas decisões. Esse passa a ser mais um obstáculo transposto pela menina em sua jornada heróica, que chega em casa a reclamar do peso e constata que estava “mais morta do que viva” (p.58) por carregar tudo aquilo com ela.

O drama da pessoa heróica, que tem coragem para vencer todas as adversidades e medos, apesar dos perigos, para penetrar em esferas até então desconhecidas e



ganhar novos conhecimentos, fascinou os homens de todas as culturas e de todas as épocas como nenhum outro tema. Quer nos antigos mitos, sagas e contos de fadas, quer na literatura e nos filmes atuais, na religião, nas artes plásticas, na história, na política, na ciência; o ser humano que se arrisca no novo, no desconhecido e no extraordinário é sempre o interesse principal. Evidentemente, ele representa as grandes esperanças e os profundos anseios da humanidade. (MÜLLER, 1987, p. 8)

No caso de Raquel, o risco do novo volta-se para o autoconhecimento, nas adversidades surgidas da construção da própria personalidade. A identificação com essa personagem por parte do leitor se dá não por seus grandes feitos heróicos mas justamente pela exposição de suas fragilidades, o que pode ser lido, por outro lado, como demonstração de força. Ao reconhecer-se em suas fraquezas e medos, a menina reage e se vê impulsionada a criar um universo que a acolha e estimule, rumo ao enfrentamento da realidade.

O grande problema dela, a partir de então, passa a ser como carregar e ocultar tudo que leva na bolsa sem que os adultos percebam, indaguem e invadam sua privacidade, pois certamente o fariam com um olhar vertical e incompreensivo. E é justamente nesse momento em que o Terrível percebe que está preso e tenta a todo custo escapar. Causa, assim, uma revolução dentro da bolsa, briga com as vontades de Raquel, tenta ser controlado por Afonso - sem sucesso - e cria um dilema para a menina, que tenta organizar o caos que carrega consigo.

No decorrer da narrativa, chega o dia em que a família vai almoçar na casa da tia Brunilda, a 'rica', que havia enviado a bolsa amarela. Contra a vontade dos demais, Raquel leva a bolsa com medo de que alguém abra quando ela não estiver, ou que o Terrível escape e suas vontades tomem conta do quarto. Assim, vai para a casa da tia fingindo que não leva muito peso, mas a verdade é que ela carrega um peso enorme. O almoço em família é uma das novas adversidades que surgem. Lá, ela é a única criança, e é excessivamente tratada como tal, sendo alvo de gracinhas e tendo que entreter os adultos ao mostrar seus 'dotes': cantar, dançar recitar versinhos: "(...) será que eles acham que falando comigo do mesmo jeito que eles falam um com outro eu não vou entender? por que será que eles botam *inho* em tudo e falam com essa voz meio bobalhona, *voz de criancinha* que nem eles dizem?" (p. 64)

Ela suporta tudo sem reclamar e obedece sob os olhares o pai. Na hora do almoço, com todos à mesa, tem que aceitar a bacalhoadá que lhe servem sem dar ouvidos a seus argumentos de que detesta bacalhau. Mas a prova maior vem quando o primo resolve implicar com o tamanho da bolsa amarela e decide ver o que tem lá dentro. O desespero de Raquel vira diversão para todos, que não compreendem que o que carrega pode ser de suma importância para ela - e nem agem com sensibilidade suficiente para isso. A implicância do primo Alberto

faz com que ela pense que gostaria de ter nascido menino em vez de menina, e nisso, então, a vontade de ter nascido menino aumenta lá dentro do bolso interno, empurra o galo Terrível que dormia, aperta o galo Afonso e assim uma grande confusão se instala. Todos se assustam com os pinotes da bolsa e desconfiam de que há algo vivo lá dentro, para desespero da menina.

Nesse momento, ela percebe que novamente seria alvo de críticas por parte dos adultos, se sentiria culpada e errada. E vê, impotente, a luta de todos para abrir o fecho, que felizmente enguiçara na hora certa, conforme o combinado.

E de repente todo o mundo tava lutando pra abrir a minha bolsa. Minha. Minha. Minha! E eu ali sem poder fazer nada. Ah, se eu fosse gente grande! Quem é que ia abrir minha bolsa assim à força se eu fosse grande? Quem? E aí minha vontade de ser grande desatou também a engordar. E quanto mais eu ficava grudada no chão sem poder fazer nada, mais as minhas vontades iam engordando, e a bolsa crescendo, crescendo, já nem pulava mais, só crescia, crescia, crescia.

O pessoal tava de boca aberta:

- Parece um balão! (NUNES, 1984, p.69)

O estouro de suas vontades, como balões, vem acompanhado da abertura da bolsa. Os galos saem de dentro, Afonso apresenta-se como mágico, a mãe indaga onde havia conseguido um galo para colocar na bolsa e ela, com cara de quem acha tudo muito normal, responde: “Por aí. Mágica bacana, não é?” (p.71). Mais uma vez, ela se supera e evita um maior confronto com os familiares. A resolução desse conflito pode ser considerada uma etapa importante na jornada do herói que a menina empreende, a partir do sentido criativo de superação salientado por Lutz Müller:

O herói representa, portanto, o modelo do homem criativo, que tem coragem para ser fiel a si mesmo, aos seus desejos, fantasias e às suas próprias concepções de valor. Ele se atreve a viver a vida, em vez de fugir dela.

Ele supera o profundo medo diante do estranho, do desconhecido e do novo. Trilha caminhos que, por um lado, tememos, mas que, por outro, percorreríamos prazerosamente em segredo: caminhos em esferas ocultas e proibidas do ser de difícil acesso; trata-se aí de países estrangeiros ou galáxias distantes, de fenômenos naturais incompreensíveis ou da escuridão da nossa alma. À medida que ele não se deixa desviar do seu propósito pelas advertências de outros homens, nem pelos seus próprios medos e sentimentos de culpa, mantendo-se aberto e disposto a aprender, capaz de suportar conflitos, frustrações, solidão e rejeição, ele adquire novos conhecimentos e realiza ações que possuem uma força transformadora, não apenas em relação a ele, mas também à sociedade. Ele representa características fundamentais de que precisamos para o domínio da vida e o embate criativo com a nossa existência. Seu caminho é o caminho da auto-realização. (MÜLLER, 1987, p. 9-10)

A busca da afirmação e da auto-realização, no caso de Raquel, passa pela transformação de suas vontades maiores, que a incomodavam no início da narrativa. Quando essas vontades estouram, graças ao alfinete de fralda que diziam não ter serventia, elas ficam resumidas a alguns restos, como balões estourados, e já não pesam na bolsa amarela.

O último maior conflito em relação às personagens da bolsa é quando o galo de briga foge para participar de sua última luta. Ele arranha o fecho, que enguiça e não quer deixar o galo sair, este leva de arrasto a guarda-chuva agarrada nele, que termina de quebrar e vira testemunha de tudo. Fica claro que Terrível precisa seguir seu destino e lutar até o fim, pois foi para isso que foi condicionado toda sua vida. Essa determinação preocupa Raquel, que lê o bilhete deixado por ele: “Fui brigar a briga que eu tinha que brigar. Pra mostrar que eu ainda posso ganhar. Terrível.” (p. 76) Ao chegarem na praia onde ocorrera a luta, Raquel e Afonso percebem que o amigo tinha chegado ao fim, conforme a narração da guarda-chuva. Cheios de tristeza, ela questiona o fato de ele estar com o pensamento costurado com linha forte: “Você acha que se não tivessem costurado o pensamento do Terrível com a tal linha bem forte ele tinha vindo aqui brigar?” (p.79). Ela começa a perceber como é difícil - e ao mesmo tempo fundamental - não ser condicionado pelos outros, e percebe a importância de ponderar, de deixar fluir as próprias idéias, de agir conforme elas e não conforme pensamentos ‘costurados’. Há, aí, uma nova etapa no crescimento da heroína que, através da dor da perda – que ela mesma se impõe, diga-se – inicia uma nova fase de superação de si mesma.

A última vontade, a de ser escritora, não tinha estourado junto com as outras duas - de crescer e de ser menino - justamente porque andava bastante encolhida. Com a morte do galo Terrível, Raquel decide escrever a história dele através de um romance:

Eu tinha dito que nunca mais na vida, até ser grande, eu escrevia outro romance. Mas aquele negócio que aconteceu com o Terrível me deixou tão – sei lá – tão diferente, que eu não parava mais de pensar nele. Quando eu vi já estava escrevendo uma história contando tudo que eu acho que aconteceu no duro. Porque eu tenho certeza que a Guarda-chuva não viu direito. (NUNES, 1984, p. 83)

Dessa forma, a imaginação da menina novamente recorre à fantasia para justificar as perdas e alcançar um novo entendimento sobre os acontecimentos da vida real. Nesse ponto, Raquel passa a explicar a si mesma o que acontecera com a própria criação – pois Terrível também já fazia parte de sua bolsa amarela. Ela cria a *História de um galo de briga e de um carretel de linha forte*, onde discorre sobre as origens do pensamento costurado do galo e sobre a história da linha que o costurara. Cria um final diferente para os acontecimentos, quando o final feliz acontece para os dois, que vão viver livres – o galo com o pensamento **Letrônica**, Porto Alegre v.1, n.1, p.211, dez. 2008.

descosturado e a linha arrebitada em sua cabeça – num lugar bem longe, do outro lado do mar, livres de padrões que costuram pensamentos. A partir dessa história, a vontade de escrever passa a não pesar quase nada para ela. Ela reconhece que passara a pensar diferente e que, a partir daquele momento, escreveria tudo que tivesse vontade:

(...) resolvi que se eu queria escrever qualquer coisa eu devia escrever e pronto. Carta, romancinho, telegrama, o que me dava na cabeça. Queriam rir de mim? Paciência. Melhor rirem de mim do que carregar aquele peso dentro da bolsa amarela. (NUNES, 1984, p. 93)

Enquanto suas vontades vão se acomodando, o peso a carregar diminui para Raquel. Ela própria encontra as formas de acomodar seus problemas e, pouco a pouco, a visão que tinha do mundo adulto também se modifica. Ela já não fica resignada e nem submissa, mas assume o que para ela é importante ser assumido, como a própria vontade de escrever, por exemplo. O crescimento aqui fica evidente. A heroína mostra que é capaz de modificar o seu mundo e, de certa forma, o mundo dos que a cercam: “A consciência humana pensante e criativa é a "magia" mais elevada que conhecemos. Graças a essa capacidade, o ser humano pode realizar suas idéias, desejos e planos, e conduzir e influenciar as leis da natureza. (MÜLLER, 1987, p. 37)

Ao levar a guarda-chuva para ser consertada, Raquel conhece uma família com a qual simpatiza muito, pois lá é acolhida e escutada. Com a convivência com o Pai, a Mãe, o Avô e a menina Lorelai, da Casa dos Consertos, ela percebe uma aproximação da sua visão com a visão dos adultos, e constata que estes já não são tão incompreensíveis assim. O processo do herói, portanto, que seria tradicionalmente um processo de humanização, no caso de Raquel passa a ser uma jornada rumo à maturidade e à compreensão da vida adulta.

Fiquei na casa dos Consertos nem sei quanto tempo. Pra contar a verdade, não vi o tempo passar. O avô da Lorelai me contou como é que ia fazer o teatro de bonecos; o pai da Lorelai me ensinou a fazer umas panquecas geniais; e a mãe da Lorelai conversou tanto tempo comigo que parecia até que ela não tinha nada que fazer. Conte pra ela como é que as minhas vontades engordavam; contei do quintal da minha casa; e quando eu mostrei os retratos ela achou o quintal tão bonito que eu resolvi dar os retratos pra ela.

- É como é que vai ser quando você quiser olhar os retratos?

- Eu venho aqui. É uma boa desculpa pra vir sempre. – Ela riu. E eu fiquei achando que gente grande não era uma turma tão difícil de entender que nem eu pensava antes. (NUNES, 1984, p.101)

Dentro da bolsa amarela, restam ainda o Alfinete de Fralda, o galo Afonso e a Guarda-chuva. Esta última, depois de ser consertada, desenguiça e é capaz de contar sua história. Ela

**Letrônica**, Porto Alegre v.1, n.1, p.212, dez. 2008.

revela que sempre teve o sonho de ser pára-quedas, e conta como se quebrou ao cair de uma janela, quando então foi encontrada. O galo, por sua vez, decide que precisa sair pelo mundo lutando para que ninguém costure mais os pensamentos: “Viu só quanta gente de pensamento costurado? Eu tenho mesmo que sair pelo mundo lutando pela minha idéia.” (p. 101) Raquel, aos poucos, reacomoda as personagens projetadas por ela e permite que sigam livres os próprios caminhos. Reorganiza dentro da bolsa – e, conseqüentemente, dentro de si – as suas próprias projeções, e libera-as no momento em que se sentem hábeis para isso. As vitórias individuais de Raquel realizam-se através da conquista da liberdade e da responsabilidade de lidar com isso.

O herói nos fascina tanto porque pura e simplesmente ele personifica o desejo e a figura o ideal do ser humano. Ele defende a nossa causa e por isso nos identificamos com ele. Reencontramo-nos nos seus medos e sofrimentos, nos seus combates, vitórias e derrotas, na sua luta pela sobrevivência. Ele é o nosso consolo nos tempos difíceis e nos dá esperanças de que, apesar de tudo, podemos conseguir algo, de que não estamos entregues a um destino cego, ainda que tudo pareça em vão. (MÜLLER, 1987, p. 8)

No último capítulo de *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga Nunes, há uma menina bastante satisfeita com sua condição. Considera que escreve à vontade, que seu pessoal já não fica tanto contra ela, que ser menina parece ser tão bom quanto ser menino e que - e principalmente - as suas vontades estavam emagrecendo tanto que um dia iriam sumir. Assim, vai até a praia e constrói pipas com Afonso. Eles brincam de ver quem empina mais alto e ela aproveita para amarrar as vontades de crescer e de ser menino e solta junto, fazendo com que voem bem alto e vão embora: “Elas viram que eu tava perdendo a vontade delas, então perguntaram se podiam ir embora. Eu falei que sim. Elas quiseram saber se podiam ir que nem pipa e eu disse: claro, ué.” (p. 113). Diante do questionamento do galo sobre a terceira vontade, de escrever, ela afirma: “Ah, essa eu não vou soltar. Mas sabe? Ela não pesa mais nada: agora eu escrevo tudo que eu quero, ela não tem tempo de engordar.” (p.113)

Ela libera, então, Afonso e a guarda-chuva para que partam juntos e sigam seus rumos. Assim, despedem-se com carinho de Raquel e saem voando, ele batendo asas e ela como pára-quedas. Mais dois habitantes da bolsa amarela somem no ar:

Tanta coisa estava sumindo no ar que eu nem sei o que é que eu pensei. Só sei que começou a chover, e quando fui fechar a bolsa amarela eu vi o Alfinete de Fralda. Tirei ele pra fora. Mais que depressa a pontinha dele abriu e foi riscando na minha mão:

- Deixa eu ficar? Já tô tão habituado a morar na bolsa amarela. Eu não peso nada... É bom andar sempre comigo: de repente você tem outra vontade que começa a crescer demais e eu, pin! Dou uma espetada nela. Deixa eu ficar?

- Deixo.

- Deixa mesmo?

- Deixo sim.

- Então deixa.

Botei ele de novo no bolso bebê e fui andando pra casa. A bolsa amarela tava vazia à beça. Tão leve. E eu também, gozado, eu também estava me sentindo um bocado leve. (NUNES, 1984, p.115)

Finalmente, a heroína reorganiza-se internamente e finaliza sua jornada amadurecida e precavida para os futuros conflitos da vida. Basta observar que ela não abre mão de seu alfinete, aquele responsável por ‘esvaziar’ de certa forma suas vontades, e que significa a própria permanência da infância em si. Na narrativa, a autora abre espaço para a identificação do leitor com o crescimento e as transformações da menina, que empreende um longo caminho de amadurecimento através da etapa narrada. Certamente, a Raquel do início de *A bolsa amarela* é bem diferente da menina da última página da narrativa, que foi capaz de dominar e liberar suas fantasias interiores e assumir suas vontades. A narrativa infantil, aqui, surge então no intuito de, através de tramas e personagens, auxiliar também na identificação de conflitos internos comuns às fases de crescimento, e propõe um novo olhar sobre as questões de independência, da vontade própria e das relações das crianças com os adultos.

A jornada do herói na obra de Lygia Bojunga Nunes, diferentemente do herói clássico que surge na antiguidade, não empreende um caminho em prol de um coletivo ou grupo social. A Raquel, aqui estudada, empreende um caminho rumo ao encontro de si e, através do entendimento da individualidade, consegue dar o passo maior em prol de uma geração, ou seja, dos leitores que apreciam e se identificam com sua aventura particular.

## **Referências**

CORSO, Mário. *Admirável mundo ‘teen’* in *O adolescente e a modernidade*. Rio de Janeiro: Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões, 1999.

MÜLLER, Lutz. *O herói: todos nascemos para ser heróis*. São Paulo: Cultrix, 1987.

NUNES, Lygia Bojunga. *A bolsa amarela*. São Paulo: AGIR, 1984. (10ª ed)

PEARSON, Carol S. *O herói interior: seis arquétipos que orientam a nossa vida*. São Paulo: Cultrix, 1997. (12ª ed)